

social

REUNIÕES E CARTILHAS MELHORAM QUALIDADE DO TRATAMENTO

Educando o paciente



Foto: Gutemberg Brito

“É um alívio saber o que a gente precisa fazer quando volta para casa com o doente.”

Teresa de Oliveira, esposa do paciente José Geraldo Adriano Tomé

Parte de uma tendência mundial da saúde nas últimas décadas, os pacientes conquistaram o direito de conhecer e entender os problemas relacionados à sua saúde e receber todas as informações que possam auxiliá-los a participar das decisões relativas aos seus cuidados, incluindo, em alguns casos, a assinatura de um termo de consentimento ao procedimento médico. Prática descrita nos manuais de acreditação hospitalar – conjunto de padrões de qualidade que buscam a melhoria contínua dos serviços de saúde – a educação para o paciente traz, além do conforto psicológico, mais segurança ao processo de tratamento e a possibilidade de redução dos custos. Estudos mostram que pacientes que utilizam material de apoio à educação têm alta em menos tempo, têm menos necessidades de internação, mostram-se menos problemáticos em fases pré e pós-cirúrgicas e têm reduzida até mesmo a quantidade de medicamentos utilizados contra a dor.

Hoje, é cada vez maior o número de hospitais que mantêm programas para intensificar a comunicação e a humanização no atendimento. Profissionais de saúde são elos de uma corrente que busca, além de cuidar, prestar esclarecimentos em linguagem fácil e lúdica, fortalecendo, assim, a confiança e a colaboração mútuas. A educação de pacientes, nessa nova realidade, baseia-se não só nas informações fornecidas oralmente pelos profissionais de saúde, mas também na utilização de materiais impressos, audiovisuais e,

“Nas cartilhas, também são antecipadas situações comuns a cada tipo de doença, o que tranquiliza o paciente e seus familiares.”

LÚCIA GIORDANI, assessora da Coordenação de Assistência do INCA

mais recentemente, computadores. No Instituto Nacional de Traumatologia e Ortopedia (INTO), no Rio de Janeiro, ferramentas de comunicação vem sendo adotadas desde 2000, como a distribuição de folhetos destinados a pacientes, funcionários e ao público em geral, que abordam desde doação de sangue até os cuidados com o gesso. “A cada três anos, fazemos atualizações do material de acordo com as necessidades, pois sempre recebemos o retorno dos leitores com dúvidas ou questionamentos”, comenta Isabela de Castro, geriatra e vice-diretora do hospital.

No dia-a-dia do Instituto Nacional de Câncer (INCA), educar o paciente tornou-se uma prática bem-sucedida, confirmada por avaliações internas. A orientação das cartilhas e reuniões, quando seguidas corretamente, contribui para a redução no uso de medicamentos e, conseqüentemente, a diminuição de custos com o tratamento em 80% dos pacientes. “Os dados refletem que as reuniões e as orientações das cartilhas levam a maioria dos pacientes a apresentar índice normal de reações previstas nas terapias, de acordo com os padrões estabelecidos nos protocolos internacionais de referência”, ressalta Élide Pereira Cabral, do Serviço de Enfermagem em Radioterapia do INCA

Das reuniões semanais do Instituto para pacientes e cuidadores participam também enfermeiros, psicólogos, fonoaudiólogos e nutricionistas. Os temas discutidos são abrangentes, envolvendo vários aspectos da terapêutica até direitos sociais. “Já que o portador da doença passa a contar com uma série de benefícios, como auxílio-doença, aposentadoria, saques do PIS e FGTS, passe livre, ele recebe informações durante as reuniões para ter acesso ao que lhe



é garantido por lei”, explica a assistente social do Hospital do Câncer I, Márcia Skaba.

A sensação de valorização e o conhecimento sobre o que fazer e como se comportar são benefícios destacados por muitos pacientes como motivadores para a continuidade do tratamento. José Geraldo Adriano Tomé, internado para a extração de um tumor na perna, encontrou, em uma das 20 cartilhas desenvolvidas pelas equipes da Coordenação de Assistência e da Divisão de Comunicação Social do INCA, esclarecimentos simples e objetivos sobre a doença e as medidas necessárias antes da cirurgia. Sua mulher, Teresa de Oliveira, que o acompanhou durante todo o processo, garantiu que, com aquela orientação poderia colaborar mais na recuperação do marido. “É um alívio saber o que a gente precisa fazer quando volta para casa com o doente”, comenta.

Com ilustrações e textos curtos, as cartilhas explicam, por exemplo, como lidar com possíveis efeitos colaterais das terapias em que se utiliza a radiação ou também como os cuidadores podem colaborar para a boa higiene de pacientes acamados; ou como fazer curativos em casa. “Nesse material, são antecipadas ainda situações comuns a cada tipo de doença, o que tranqüiliza o paciente e seus familiares. Mas é claro que os livretos não substituem o diálogo pessoal com a equipe do hospital”, acrescenta a assessora da Coordenação de Assistência do INCA, Lúcia Giordani.

SERVIÇO:

Instituto Nacional de Câncer (INCA)

– As cartilhas estão disponíveis para a população em geral no site www.inca.gov.br, em publicações/Títulos.

Instituto Nacional de Traumatologia e Ortopedia (INTO)

– Para acessar os folhetos informativos, visite www.into.saude.gov.br e clique em Publicações INTO.



Julia Freeman

QUALIDADE DE VIDA E MOTIVAÇÃO

Unir a sociedade civil em favor do combate ao câncer com a ajuda da informação é o trabalho que vem sendo desenvolvido na Unidade de Apoio aos Portadores de Câncer (Uniap), criada em 2003. A entidade atende pacientes de baixa renda nas cidades de Americana, Limeira e Piracicaba, em São Paulo, e se mantém exclusivamente com recursos doados por pessoas físicas e jurídicas, por meio de telemarketing. Semanalmente, promove reuniões com foco em nutrição para os portadores da doença e, quinzenalmente, encontros ampliados aos cuidadores. “Desde fevereiro, iniciamos uma série de palestras para esclarecer e incentivar pacientes e familiares a não desistirem do tratamento. Muitos, por não seguirem as instruções prescritas, sentem desconforto e descuidam-se das medicações, o que compromete o bom resultado da terapia”, explica a assistente social da Uniap, Lourdes de Fátima Barrado Alves. ■